

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Literatura Latina - Retórica e Oratória – Professor Doutor Adriano Scatolin

Pedro Henrique Theodoro, nº USP: 8978072



Turma: FLC1256 – Matutino – 10h-12h

São Paulo – 29/06/2017

Discorra sobre os principais contextos oratórios da Roma republicana, usando exemplos dos discursos estudados em sala de aula.

Inicialmente, deve-se entender como funciona cada um dos quatro contextos oratórios trabalhados em aula. Aqui, descreverei suas características e corroborarei com excertos dos textos discutidos ao longo do semestre. Depois, estudarei como a Retórica aristotélica dá a entender, falsamente, que os gêneros das causas atuam sobre um único contexto oratório.

Os principais contextos oratórios da Roma republicana eram o tribunal, a assembléia popular, o senado e a cerimônia fúnebre. Neles, é de se esperar um único gênero das causas, de acordo com a visão aristotélica de Retórica. Entretanto, o que ocorre é uma mescla de gêneros das causas, corroborando com o entendimento de que a tripartição aristotélica encontra dificuldades para se encaixar nos moldes romanos.

Inicialmente, deve-se entender como funcionava o tribunal. O tribunal é o contexto oratório em que se é falado sobre causas civis e causas criminais (de crimes contra a república, como assassinatos e de corrupção em províncias). Ali, acusadores e defensores, num fórum, se dirigem ao júri, ao presidente e à população a fim de discutir sobre as causas já mencionadas. O gênero da causa que deveria ser único neste contexto oratório é o judicial, de forma que é explicitado em:

“E porque, no desempenho destas funções, me foi censurado pelos acusadores o zelo da minha defesa e até o próprio de me ter incumbido desta causa, antes de iniciar o meu discurso a favor de Lúcio Murena [...]” (SOTTOMAYOR, Ana Paula. Defesa de Murena, pp. 123-124.)

Como é notado, iniciar-se-ia o processo de defesa e acusação por parte de Cícero com júri.

Entretanto, como se vê no seguinte excerto:

“Ainda que eu receie, senhores juízes, que seja indigno sentir medo ao começar a discursar em defesa de um varão altamente corajoso, e de todo inadequado [...] que eu não possa oferecer a sua causa igual grandeza de espírito, contudo, a aparência insólita deste insólito tribunal aterroriza os nossos olhos, que, para onde quer que se voltem, procuram em vão pelo velho costume forense e pela antiga praxe judicial. Pois vossa assembleia não está rodeada por um círculo de ouvintes, como de costume; não estamos acompanhados de nosso público habitual; nem deixa de provocar certa intimidação ao orador aquela guarnição armada, que divisais diante de todos os templos, ainda que tenha sido ali disposta para nos resguardar da violência, de tal modo que, no fórum e no tribunal, embora rodeados de forças protetoras, não podemos, na verdade, deixar de temer sem experimentar algum temor. [...] Mas me reconforta e reanima o discernimento de Gneu Pompeu, varão extremamente sábio e justo, que, certamente, não consideraria próprio de sua justiça entregar às armas dos soldados aquele mesmo réu que destinara às sentenças dos juízes, nem da sua sabedoria armar de autoridade pública a temeridade de uma multidão exaltada.” (*Texto de Apoio 1*)

Consegue-se configurar, o uso do gênero demonstrativo num contexto oratório onde o gênero esperado seria o judicial. Neste momento, Cícero exalta Gneu Pompeu e os varões a fim de fazer com que eles sigam seus objetivos. É assim, portanto, que vemos uma mescla de dois gêneros das causas.

Agora, é importante trabalhar com a assembleia popular. A assembleia popular é o contexto oratório em que são discutidas leis e deliberações do senado. Neste contexto oratório, onde não há tomada de decisões, convocados e intimados pelo magistrado, num fórum, deliberam leis para o povo, com o objetivo de nutrir a discussão das atitudes que podem afetar a república. O gênero da causa que deveria ser único neste contexto oratório é o deliberativo:

“Posto que sempre, romanos, me foi sumamente agradável esta vossa numerosa assembleia, e este lugar me pareceu, para tratar negócios, o mais autorizado, e de suma honra para o orador [...]” (*Texto de Apoio 1*)

Assim, conseguimos ver que, ao falar para romanos, ou seja, configurar um contexto onde se fala para o povo, Cícero trata de negócios pertinentes a este, ou seja, leis em discussão no senado.

Contudo, como é visto em:

“[...] Contudo, desta porta do aplauso, que sempre esteve patente a todos os beneméritos, me tem desviado não a minha própria inclinação, mas os empregos a que me sujeitei desde a adolescência. Porque, não tendo eu nos tempos passados nem autoridade nem anos para subir a este lugar, e assentando que se não deviam trazer a ele senão as produções mais completas do engenho e arte, todo o meu tempo gastei em tratar com meus amigos. Mas nem neste lugar faltou nunca quem defendesse os vossos direitos, nem o meu trabalho, que sempre foi desinteressado e regulado pela equidade, deixou de receber de vós grandioso prêmio. Pois sendo eu três vezes eleito primeiro pretor, por todas as centúrias, por causa da dilação dos comícios, facilmente entendi, romanos, o que julgáveis de mim e requeríeis dos outros.” (*Texto de Apoio 1*)

Cícero, após ter sido exilado, faz um discurso na assembléia popular. Lá, ele trabalha no *ethos* dele mesmo. Ele trata da sua carreira sem ser arrogante e fala a seus amigos, os quais questionaram seu desaparecimento, que tardou a lhe falar devido à preparação necessária para tal. Além disso, ele diz da sua figura de autoridade e de competência oratória para discursar frente ao público. Com isso, vemos o uso do gênero demonstrativo num contexto oratório em que ele não seria esperado frente à visão aristotélica.

Neste momento, analisar-se-á o senado. O senado é o contexto oratório em que senadores, num templo ou no próprio senado, discutem sobre a política externa e a legislação da República. O gênero da causa que deveria ser único neste contexto oratório é o deliberativo:

“Respondia que apenas um, mais ninguém. Haviam sido concedidas isenções? Nenhuma, respondia ele. Ademais, desejava que apoiássemos a proposta de Sérvio Sulpício, um homem dos mais ilustres, segundo a qual, depois dos Idos de Março, não se publicaria nenhum edito contendo algum decreto ou benefício de César.” (*Texto de Apoio 1*)

Nisso, vê-se o momento em que Cícero, discursando no Senado, trata de questões políticas com outros senadores, levando em conta o que seria útil ou nocivo à República.

Apesar disso, de acordo com o que se vê em:

“Eu, nutrindo a esperança de que a República fosse enfim restituída a seu conselho e autoridade, acreditava que devia permanecer numa espécie de guarda consular e senatorial, por assim dizer. E a verdade é que nunca me apartei, nem tirei os olhos da República. [...] Magnífico foi então o discurso de Marco Antônio; sua disposição, também extraordinária. No fim, a paz foi confirmada por intermédio dele e de seu filho, juntamente com os mais notáveis cidadãos. Além disso, tudo o mais era coerente com tais começos: para as deliberações que fazia em casa sobre a situação política, empregava os líderes da cidade; confiava a esta Ordem as questões mais importantes;

não encontrava entre os apontamentos de Gaio César senão o que já era do conhecimento de todos; respondia com extrema coerência às consultas que se lhe faziam.” (*Texto de Apoio 1*)

Confirma-se que Cícero, ao discursar no senado, faz uso do gênero demonstrativo. Temos a forma como o *ethos* de Cícero e de Antônio são construídos. O de Cícero é formado pela apresentação de um guarda consular e senatorial, o qual tinha compromisso com a paz. O de Antônio, por sua vez, se dá pela disposição de se submeter ao Senado, pelo oferecimento do filho como garantia para respeitar o Senado, e pelo seguimento das medidas de César.

Por fim, a cerimônia fúnebre. Ela é o contexto oratório em que a nobreza discursa ao povo, elogiando algum falecido ou a linhagem, num fórum. O gênero da causa que deveria ser único neste contexto oratório é o demonstrativo:

“Pelo lado materno, minha tia Júlia descende de reis, pelo lado paterno, entronca nos deuses imortais. Com efeito, de Anco Márcio provém a dinastia real dos Márcios, nome de minha mãe; de Vénus, descendem os Júlios, e nós somos ramos dessa família. Há, pois, na nossa raça quer a santidade dos reis, que tão grande poder têm entre os homens, quer a majestade dos deuses, de quem depende o próprio poder dos reis.”

Neste ponto, vemos que César, em louvor a sua tia Júlia, faz pleno uso das características do gênero demonstrativo: elogiar o belo a espectadores.

Todavia, ao ver que:

“Os nossos louvores, que empregamos no fórum, ou apresentam a brevidade nua e sem adornos de um testemunho, ou são escritos para uma cerimônia fúnebre, que é completamente inadequada para a exibição de qualidades oratórias.” (*Texto de Apoio 1*)

Consegue-se afirmar, portanto, que se numa determinada cerimônia fúnebre tem-se a ambição de fazer uso do discurso com qualidades oratórias, será necessário fugir do gênero demonstrativo e adentrar um outro.

É com tudo isso, portanto, que se vê como há uma inconsistência na tentativa de encaixar os gêneros das causas em cada contexto oratório da Roma republicana. Dessa forma, é importante notar que, independente do contexto, há uma mescla dos gêneros e ela é capaz de fazer surgirem resultados retóricos mais satisfatórios do que se fosse seguida a adequação a apenas um gênero das causas.